

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO**

RODRIGO LAGES LAKMAN

**MOCINHA, UM ÍCONE DE RESISTÊNCIA NO CARNAVAL JAGUARENSE:
UMA LEITURA DO CONTEXTO DA SOCIEDADE RECREATIVA
BENEFICIENTE ESTRELA D'ALVA.**

**JAGUARÃO
2017**

RODRIGO LAGES LAKMAN

**MOCINHA, UM ÍCONE DE RESISTÊNCIA NO CARNAVAL JAGUARENSE:
UMA LEITURA DO CONTEXTO DA SOCIEDADE RECREATIVA
BENEFICIENTE ESTRELA D'ALVA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso
Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da
Universidade Federal do Pampa - Campus Jaguarão

Orientador: Prof. Ms. Renan de Lima da Silva

**JAGUARÃO
2017**

**MOCINHA, UM ÍCONE DE RESISTÊNCIA NO CARNAVAL JAGUARENSE:
UMA LEITURA DO CONTEXTO DA SOCIEDADE RECREATIVA
BENEFICIENTE ESTRELA D'ALVA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso
Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da
Universidade Federal do Pampa - Campus Jaguarão

Banca examinadora:

Prof. Ms. Renan de Lima da Silva- Orientador
(UNIPAMPA)

Prof. Ms. Alessandra Buriol Farinha
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Thiago Reis Xavier
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho ao universo que me rodeia, às forças energéticas que circulam a todos nós, às minhas famílias, uma que a vida me deu em kit completo no dia em que nasci, e as famílias que pude fazer até aqui.

À Estrela D'alva, família vermelho e branco, que aceitou meu pedido de ingresso e me acolheu como um filho, me mostrando mais uma matriz familiar na senda da existência. Obrigado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente fora Temer, gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuem direta ou indiretamente na minha vida. Segundamente, a meu afilhado Renan Cardozo por ser um dos maiores incentivadores do meu ingresso na vida acadêmica, sem o qual, hoje, eu não poderia desenvolver meu viés de pesquisa e debates tão discutidos em rodas informais na vida. Não menos importante, e nunca será, a minha mãe que, por nutrir um sonho de ver um filho formado em curso superior, pentelhou incessantemente e contribuiu muito para que eu persistisse, essa insistência fez nascer em mim o reconhecimento do prazer de realizar um sonho como tantos outros a alguém. Obrigado mãe.

Em uma totalidade, vou deixar aqui meu registro de agradecimento a todos os meus professores do curso, e a meus estimados e queridos colegas; cito Talita Oliveira Noda, Gabriel da Silva Godoi, Lucas Nogueira por serem o grupo mais eclético e divergente que já pude conviver, mas que se manteve sempre firme nas suas uniões de defesas e produções. Aqui reservo, também, umas linhas à Raicilane Barbosa de Jesus Santana, a Raici, por ser umas das vozes do meu ser hoje em dia, e a mente intelectual que eu desejo ter. Obrigado Raici.

E para finalizar, ao meu pai, por permitir viver um universo de liberdade, no qual se deve sustentar as consequências dos atos, me ensinou que eu tudo podia se respeitasse os limites, e vigiasse as ordens, assim, pude, desde criança, agir livremente sobre um terreno de confiança em mim mesmo e dessa maneira adentrar e viver o carnaval, esse que habita o meu ser, move meu corpo, alegra minha alma, mantém o meu sorriso, essa manifestação de liberdade que num período de dias no tempo, no ano, permite me alimentar de alegria, dividir alegria, ser alegria, enquanto o mundo nos pesa. Meu muito obrigado a todos.

RESUMO

Este trabalho tem como tema a Mocinha e sua representação como símbolo de significado da memória da festa popular o Carnaval de Jaguarão e apresenta como objetivo registrar fragmentos da trajetória e história de Maria Cezarina Cardozo, a dona “Mocinha”, e sua ação junto da escola carnavalesca Estrela D’alva onde, depois de seu ingresso, foi a principal figura. Os dados aqui utilizados estão pautados, sobretudo, em informações orais como fonte de material. Capta, prioritariamente, a imaterialidade cultural dessa relação e como se desenvolveu junto à postura de resistência da Mocinha, influenciando, assim, a manter o carnaval de rua de Jaguarão e como se deu algumas dessas interações no cotidiano social, contribuindo para a transformação e manutenção do evento. A história de Maria Cezarina Cardozo, a Mocinha, e da Escola Estrela D’alva, que se fundem uma com a outra, e se mantém vivas, aborda a reflexão acerca da postura de resistência em manter uma manifestação cultural adaptando-se às mudanças no carnaval de rua, caracterizando, assim, a protagonização de um papel de ícone no cenário do carnaval de Jaguarão e suas manifestações culturais.

Palavras-Chave: Carnaval, Estrela d’Alva, Jaguarão, Maria Cezarina Cardozo, resistência.

RESUMEN

Este trabajo tiene como tema Mocinha y su representación como símbolo de significado de la memoria de la fiesta popular el carnaval de Jaguarão y presenta como propósito registrar fragmentos de la trayectoria y de la historia de María Cezarina Cardozo, la doña “Mocinha”, y sus acciones junto a la escuela carnavalesca Estrela D’alva donde, después de su ingreso, fue la principal figura. Los datos utilizados están pautados, sobre todo, en informaciones orales como fuente de material. Capta, prioritariamente, la inmaterialidad cultural de las relaciones. Como se ha desarrollado junto a la postura de resistencia de Mocinha, influyendo, de esta manera, a mantener el carnaval de calle de Jaguarão y cómo ocurrió algunas de esas interacciones en el cotidiano social, contribuyendo para la transformación y manutención del evento. La historia de Maria Cezarina Cardozo, la “Mocinha”, y de la escuela Estrela D’alva, que se fusionan una con la otra, y se mantienen vivas, abordan la reflexión sobre la postura de resistencia en mantener una manifestación cultural adaptándose a los cambios en el carnaval de calle, caracterizando, así, la protagonización de un papel icónico en el escenario del carnaval de Jaguarão y sus manifestaciones culturales.

Palabras clave: Carnaval, Estrela D’alva, Jaguarão, Maria Cezarina Cardozo, resistencia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mocinha com a filha Divane	12
Figura 2 - Mocinha em desfile, na década de 60, com adereço alusivo ao símbolo da escola, Estrela D'alva	24
Figura 3 - Mocinha e outros integrantes da escola antes do desfile, década de 60	26
Figura 4 - Mocinha e alguns dos troféus da escola	28
Figura 5 - Mocinha em desfile das campeãs, exibindo troféu para a comunidade	30
Figura 6 - Mocinha na comissão de frente	31
Figura 7 - Mocinha como porta bandeira junto com mestre sala	32
Figura 8 - Mocinha, na década de 70 , em desfile	33
Figura 9 - Mocinha com Rei Momo	35
Figura 10 - Mocinha dando entrevista pós-desfile à radio local	37
Figura 11 - Mocinha como porta bandeira junto de mestre sala, na década de 80	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CARNAVAL DE JAGUARÃO	11
2 METODOLOGIA	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1. Turismo e as práticas sociais relacionadas à Mocinha enquanto agente do Carnaval de Jaguarão	16
3.2 Memória e imaterialidade em sua importância para manifestações socioculturais	18
3.3 Elitismo e resistência como desdobramentos culturais de práticas sociais	21
4 CARNAVAL DE JAGUARÃO	22
5 ESTRELA D'ALVA	23
5.1 Suposto elitismo	25
6 MARIA CEZARINA CARDOZO	28
7 RESISTÊNCIA	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

O contexto do que é entendido por patrimônio cultural imaterial nos leva ao encontro do outro, e essas feições podem ser ponderadas de diversas formas, em muitos tipos de estudos, em ramificações distintas do conhecimento humano. A respeito do carnaval de Jaguarão, há poucos estudos sobre o mesmo, poucos registros acadêmicos, o que se tem são os relatos das memórias individuais, o tradicional *boca a boca*, do trato de barracão, de integrantes para integrantes, de integrantes para a população, é esse o carnaval de interior, o carnaval de rua de Jaguarão que mistura uma gama de influências de outros carnavais, e a partir disso também vem demonstrar as influências dessa manifestação nacional. Esta pesquisa traz a essa monografia a trajetória de uma mulher que se tornou um ícone popular dessa manifestação, a “Mocinha”, uma das integrantes dessa agremiação, que veio a se tornar a integrante mais importante da escola Estrela D’alva.

A escola foi fundada em 18 de março de 1964, na cidade de Jaguarão, no interior do Rio Grande do Sul, fronteira com Uruguai. Jaguarão — cidade heroica/histórica — é reconhecida pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como patrimônio histórico e paisagístico nacional, mas, principalmente, o legado dessa mulher em ser a resistência viva por mais de meio século em manter viva na avenida o sonho de todo o ano a sua escola desfilar para o povo.

Foi possível acompanhar por um tempo os integrantes dessa escola, pessoas com mais de 30 anos e outras que lá estão desde seu nascimento, hoje por exemplo com 17 anos de idade, e acompanhar o último ano de vida e desfile na avenida dessa lenda carnavalesca, e, posteriormente, com seu falecimento, pude vivenciar o sentido de perpetuação dessa irmandade, no que tange ao que eles vivem em ser resistência por uma cultura arraigada em suas vivências. Não me passava pela mente a força contida na união de um propósito tão singular, no qual, para mim, era pouco mais que uma festa. Assim, julguei importante escrever sobre essa resistência, essa relação, essa trajetória.

Esse carnaval, hoje em dia, é dividido entre o popular povão e suas fantasias caseiras, os trios elétricos com seus seguidores, e os blocos burlescos de rua e as escolas de samba. O carnaval de rua da cidade de Jaguarão é popularmente conhecido como um carnaval família, no qual as pessoas saem para se divertir com suas fantasias confeccionadas, em sua maioria, de forma artesanal. O que abre o carnaval é o tradicional desfile da SAC (Sociedade Amigos

do Coronel)¹, na sexta-feira. Esse desfile traz homens vestidos de mulher, que na sequência concorrem a um título ilusório de Rainha das Piscinas, visto que, esse desfile ocorre em uma propriedade com piscina. O festejo tem duração de seis dias atualmente englobando uma gama de ações para descontrair e divertir os foliões, como dito anteriormente, tem trio elétrico, blocos burlescos e desfiles de entidades carnavalescas, nessa efervescência, a escola da Mocinha, se manteve firme até hoje.

Assim, me detive em questionamentos como: como poderia uma escola se sustentar, e não apenas financeiramente, sobre os ombros de uma só mulher? O que mantinha essa família, que na maioria do tempo não se via, unida em torno de um movimento cultural? Os relatos, então, e a experiência que tive com eles, me trouxeram as respostas para aqui poder escrever. Nada, seria possível sem a família Estrela D'alva, na qual pude realizar muitas entrevistas. A maior parte desse trabalho é feito sobre o prisma da oralidade, sem essas falas não poderia ser reconstruída a trajetória dessa entidade carnavalesca, nem captar a importância, tanto para o carnaval como para a cultura carnavalesca, que representa a Mocinha, e só assim poder compreender um pouco essa trajetória e entender essa história.

A resistência estava no ser dela, era a alma dela, e uma de suas maiores satisfações de vida era fazer a escola do seu coração cruzar a avenida, não importava a maneira pela qual ela iria conseguir fazê-lo, desde que feito com zelo, pois a Estrela D'alva iria desfilar, cruzar a avenida e fazer a alegria que pudesse, mesmo que por uma noite.

¹ SAC, Sociedade amigos do coronel, grupo de amigos que deu origem a um trio elétrico há 33 anos, e abre oficialmente o carnaval na sexta-feira, com um desfile de homens vestido de mulher e concorrendo ao título de rainha do ano, rainha da piscina, o desfile acontece em residência privada, na casa da família Lima.

1. CARNAVAL DE JAGUARÃO

O carnaval de rua da cidade de Jaguarão acontece na avenida 27 de Janeiro, no centro da cidade. O percurso oficial se dá do cruzamento da avenida 27 de Janeiro com a avenida Odilo Marques Gonçalves e vai até o cruzamento das ruas General Marques e General Osório, esse é o trajeto válido oficialmente para pontuações nas disputas carnavalescas. Porém, esse trajeto hoje em dia não se limita a isso. O circuito engloba hoje as ruas 27 de Janeiro, General Marques, General Osório e Coronel de Deus Dias, o que proporciona um movimento contínuo circular, durante as horas que seguem de folia.

Explanar informações sobre o carnaval de Jaguarão é difícil pela falta de trabalhos relacionados, mas aqui, levaremos em consideração as memórias de algumas pessoas nos concederam em relatos. Esse carnaval, para a maioria burlesco², no sentido de ser satirizado, ou seja, os foliões se jogam na avenida usando as informações de seus cotidianos sociais, para, com bom humor, representar seus políticos, seus ídolos, seus passatempos, suas paixões.

Essas expressões ficam bem claras no que é reproduzido na avenida, para alegria daqueles que assistem a folia. Uma particularidade desse carnaval é o fato de a população ficar na rua com suas cadeiras dispostas como se estivessem na sala de estar de suas casas, o que proporcionou a construção de uma atmosfera familiar sobre o espetáculo carnavalesco de rua da cidade. Como diz Claudio Dias de Oliveira³

Não sei entrar na avenida e não ver o povo nas calçadas e em suas cadeiras, por que é isso que é no nosso imaginário quando pensamos em levar a escola para a avenida, é para ser um espetáculo para o povo, é como ir ao teatro, as cortinas se abrirem e não ter público. (Claudio carnavalesco, em depoimento concedido no dia 20/11/2016).

Essa particularidade se tornou uma ação cultural do município, e as narrativas levam a identificação da cidade com essa prática, o que nos leva de encontro a Monteiro (1972 apud SAPIA, 2016) que diz, “Cada persona tiene una ciudad que es un paisaje urbanizado

² Mário Maia, ao se referir aos blocos Burlescos de Pelotas, atenta para características muito semelhantes aos blocos Burlescos de Bagé como: “Desfilam satirizando tudo e todos. Apresentam carros alegóricos montados praticamente sem nenhum recurso financeiro, mas com muita criatividade, o que se observa também nas muitas fantasias. Entre elas, a antiga tradição dos homens saírem vestido de mulheres, com produções de figurino que vão do mais chique ao mais chulo, tudo muito democraticamente”. (MAIA, 2008, p. 20).

³ Claudio Dias de Oliveira, profissional autônomo de beleza, começou aos 14 anos como figurinista do bloco boêmios do amor, figurinista em vários anos da escola Estrela D'alva, hoje também carnavalesco.

de sus sentimientos”. (s.p.). E, assim, por sua vez, desenvolve o apego criando o desejo de rever aquilo que lhe agradou, tantas vezes, quanto puder. Torna-se fato recorrente rever, a cada ano, então, pessoas regressando a esses pontos, tanto os munícipes, como os turistas, por se identificar com a cultura de se ter entre o espetáculo um lugar identificado como seu também.

Figura1: Mocinha, com a filha Divane a esquerda, e outra criança desconhecida, pausa para foto antes do desfile, na foto mocinha vestida de porta bandeira. Década de 70.



Fonte: acervo pessoal do autor

Um fator levado em consideração para o carnaval de rua de Jaguarão não ter sofrido muitas mudanças entre os anos de 1970 a 1990, para a maioria dos entrevistados, é o fato da cidade ser afastada de grandes centros, o que manteve o festejo por um bom período de tempo sendo somente uma festa local, voltado à população, sem grandes propagações. O festejo, então, se restringia aos munícipes e àqueles que estivessem pela cidade na época do carnaval.

Neste mesmo período de tempo, a propaganda de bom carnaval de rua de Jaguarão, foi feita através de divulgação pessoal, ou seja, de um indivíduo para outro. Já que as pessoas vinham para se divertir, não ocorria grandes vandalismos, por ser uma cidade pequena, reforçando, assim, a caracterização de festa familiar, o que por sua vez é refletido, nos dias de hoje, quando se pergunta para os mesmos e seus conhecidos, qual sua opinião sobre o carnaval de rua de Jaguarão. Nessa esfera, ficou evidente, também, o quanto o carnaval de

Jaguarão se projeta como um grande momento de lazer, do ano, para todos os seus envolvidos, e isso também irá ficar refletido, seguindo o fator multiplicador, na área segmentada do turismo.

Esse carnaval que foi se desenvolvendo ao longo dos últimos 50 anos, também abordado nos relatos, teve seu cenário modificado pelo fluxo turístico carnavalesco. É inegável, para os agentes carnavalescos, que o atrativo maior é a alegria do poder “pular” é o carnaval sem grandes preocupações, associado a poder de ter atrativos culturais diversificados como a gama de atrações que cruzam a avenida nas noites de folia. E, para muitos, também, se teve maior expressão nos últimos 15 anos, por volta do anos de 1999 com o aumento contínuo de pessoas de outras localidades se direcionando para o festejando, junto com a população local, para desfrutar dessa produção carnavalesca em sua totalidade. Essa transformação também está relacionada a apropriação da festa que é agente de transformação, como coloca Sapia (2016), “ São inúmeros os olhares que hoje tentam captar o movimento e as potencialidades da festa, atravessada por processos sociais básicos de competição, cooperação e conflito. Além da cidadania, que se constrói nos processos de fruição.” (p. 81)

No desenvolvimento desse trabalho, pode-se notar que, nas falas de vários entrevistados, alguns pontos divergiam e outros se encontravam, essas opiniões se chocavam positivamente, mesmo que as pessoas tivessem diferentes faixas etárias, e um desses pontos foi o de que o carnaval, tal qual ele pode ser considerado hoje, é beneficiado, de alguma maneira, pela relação da população com o carnaval do passado. A maneira como ele foi construído ao longo dos anos, ainda se reflete no carnaval de hoje em dia, muito foi mantido e passado de um para outro popularmente, levando em consideração, segundo esses agentes, que sem a possibilidade de se manter o carnaval familiar, esse se modificaria drasticamente perdendo a sua essência. Novamente me reporto a Sapia (2016) para quem, “ as festas são movimentos coletivos com capacidade de abrir frestas pelas quais se constroem outras narrativas que promovem memórias sobre a cidade e sobre os laços que os cidadãos estabelecem com seus territórios. (p. 83).

Nesse sentido, também se chega ao consenso de que esse é um dos grandes fatores de colaboração para identificar umas das forças que, somadas a tantas outras, contribuem para a sobrevivência do carnaval da cidade de Jaguarão. Aqui, um outro fragmento das oratórias:

“Acho que esta é a diferença do nosso carnaval, ainda podemos brincar tranquilamente em família, apesar de que nos últimos anos o crescimento já tirou um pouco disso com a vinda de gente de fora, mas faz parte, quem gosta faz sua turma e se diverte.”. (Lorena Telles em entrevista concedida em 29/11/2016)

Através de uma mudança drástica no carnaval de rua, no ano de 2009, de ação do poder público municipal, fez com que os agentes do carnaval se readaptassem a nova realidade então efetivada, porém, essa mesma medida não teve ação sobre o trajeto de desfiles das escolas de samba que se mantiveram no trajeto oficial como são os seus desfiles atualmente. Essa decisão, que até essa data contava com uma manifestação popular local que foi extinta, tratava-se de grupos de amigos, geralmente formados por mais de 15 pessoas, que faziam suas camisetas personalizadas, tinham um nome específico que os identificava e os tornavam um determinado grupo, esses grupos, então, se uniam e decoravam um reboque puxado a trator ou por carro de tração forte.

Esses reboques, então, foram se tornando grupos de grande número, vários e vários reboques tomavam conta da avenida durante as noites de folia, até que uma medida do governo local decidiu por extinguir os reboques no carnaval, ato que levou muitos grupos a deixar de existir, mas que, por outro lado, proporcionou a união de outros grupos, nascendo, assim, a gama de trios elétricos que figuram na noite carnavalesca da cidade de Jaguarão.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho se desenvolve por meio de pesquisa junto a residentes da cidade e algumas partes integrantes no desenvolvimento organizacional do festejo de carnaval, são perspectivas iniciais para o reconhecimento de um bem cultural, mais precisamente, nessas páginas, traço um delinear de fragmentos da história de Maria Cezarina Cardozo, a Mocinha, e da escola Estrela D'alva, em suas inter-relações. Um dos pontos é a sua relevância como pessoa em conjunto a trajetória de existência de ambas, Mocinha e Estrela D'alva, para o carnaval atual do município.

Foram utilizados referenciais bibliográficos e também realizadas entrevistas abertas em moldes etnográficos como apresentado por Eckert e Rocha (2008) e, ainda, a partir dos autores Boni e Quaresma (2005), os depoentes foram escolhidos a partir de um determinado grupo cujas idéias e opiniões são do interesse da pesquisa. Esta técnica pode ser utilizada com

um grupo de pessoas que já se conhecem previamente, ou então, com um grupo de pessoas que ainda não se conhecem.

Os depoentes são pessoas da cidade e escolhidos de acordo com as percepções e inferências do autor. E, dessa forma, o campo de pesquisa se enunciou nos modelos da metodologia proposta por Silva e Baptista (2014), com quatro perfis de públicos, entre eles: integrantes da família da Mocinha, integrantes da escola Estrela D'alva, integrantes de outras entidades carnavalescas e pessoas da comunidade em geral.

Foi escolhida então aplicação de entrevistas por conta da história da Mocinha estar contida na oralidade dos entrevistados, e não existe demais registros suficientes para trazer detalhes que revelem essa importância da Mocinha dada por eles como ícone do carnaval. Como exemplo, as fotos que são de arquivo pessoal e não de domínio público.

Dada a importância cultural do carnaval para o município, a pesquisa se propôs a analisar as entrevistas e buscar os pontos de convergência entre elas, captar os conflitos existentes e registrar essa trajetória partindo do ponto de registro da oralidade desses agentes entrevistados. Esses relatos de história de vida (HV). segundo (MINAYO apud BONI; QUARESMA, 2005)

A HV tem como ponto principal permitir que o informante retome sua vivência de forma retrospectiva. Muitas vezes durante a entrevista acontece a liberação de pensamentos reprimidos que chegam ao entrevistador em tom de confiança. Esses relatos fornecem um material extremamente rico para análise. Neles se encontram o reflexo da dimensão coletiva a partir da visão individual. (MINAYO apud BONI; QUARESMA, 2005p.73)

Compreendendo, além disso, que a prática de pesquisa, segundo o proposto por Silva e Baptista (2014), apresenta o autor como coautor junto aos seus personagens de pesquisa e, também, como personagem de pesquisa, conseqüentemente, este como pesquisador e pesquisado em interpretações propostas para a coleta de dados e o que foi coletado. Por esse motivo, a presente pesquisa se apresenta em primeira pessoa, entendendo que o autor é parte integrante dessa pesquisa sendo condição e fato de pesquisa.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Turismo e as práticas sociais relacionadas à Mocinha enquanto agente do Carnaval de Jaguarão

No seu artigo impacto sócio-culturais do turismo sobre as comunidades receptoras: uma análise conceitual.

O turismo pode se tornar o elemento que irá garantir a manutenção de certas tradições originais que atraem os turistas. Diante do até então exposto, evidencia-se a dualidade do fenômeno Turismo. Ressaltando que a qualidade dos impactos da atividade sobre a população das regiões turísticas depende muito mais da sociedade que o implanta ou o recebe que do próprio Turismo, na sua condição de oferecer aos núcleos receptores prejuízos ou contribuições para o seu processo de consolidação e afirmação da identidade local, recai sobre a comunidade receptora, nesse caso, a responsabilidade de estabelecer democrática e coletivamente as bases nas quais a atividade turística em seu território deve se assentar. (PIRES 2004 p.17)

Na análise da festa popular, é possível observar pelo menos três componentes fundamentais que são: a preparação, a execução (ou seja, o conjunto de atividades mais ou menos tradicionais, ritualísticas e formalizadas) e a ideologia presente na festa (isto é, o conjunto de símbolos, valores e crenças que, explícita ou implicitamente, são repetidos pela festa). A ideologia, representada também pelos dois outros elementos, permeia a organização e a instituição das festas, permite identificar a motivação e a necessidade de reafirmar o elo cultural que liga a atualidade brasileira e o seu passado, como tentativa de reviver uma memória histórica ameaçada pelas rápidas transformações da realidade cotidiana segundo o que apresenta Ferreira, (2006) o autor frisa que outro ponto a ser ressaltado é que esses componentes poderão estar presentes nas festas, principalmente, com o objetivo de atrair a atenção do crescente mercado turístico.

Nóbrega (2013) propõe a análise e a disseminação de informações dos dados e fatos ligados ao desenvolvimento do festejo, assim como, os campos e partes envolvidas e os meios de sua aplicação, sendo eles, locais e regionais. Dinamizando, assim, a projeção de tornar o festejo um atrativo turístico, por se tratar de um fenômeno de novas interações culturais que agrega as características folclóricas regionais e de campo político, utilizando as comunicações de massa que optam pelo indicador de votos e o envolvimento de tecnologias emergentes e políticas públicas culturais que variam de acordo com o desejo íntimo direcionados de modo a

atender necessidades individuais e coletivas, promover a adaptação das sociedades desiguais de nossos dias, que resulta, enfim, num complexo processo multicultural desafiador para estudos a ser aplicados nas áreas da cultura e desenvolvimento turístico.

A importância atribuída pelo grupo social a ser pesquisado pode ser percebida durante a pesquisa, em todas as áreas da cidade, no que tange o contexto do carnaval e as relações que o festejo, à atuação da Mocinha, e à manifestação que a escola Estrela D'alva promoveu e promove para o município, como efeito multiplicador para o turismo. E trazer, a conhecimento do público, um provável potencial de atrativo turístico que serve como desenvolvedor local de grande giro econômico, a exemplo de outros municípios do país, e também, o patrimônio cultural imaterial relacionado à atuação de Maria Cezarina Cardozo no carnaval de Jaguarão, assim como, a importância de se estudar, pesquisar, as manifestações populares, como sugere Ferreira (2006).

As festas populares como objeto de estudo científico são relativamente recentes no Brasil, exceto pelos estudos sobre o Carnaval carioca. A maioria dos estudos sobre festas populares ora são de caráter antropológico ou sociológico, ora são meras descrições. No entanto, há uma vasta tradição de estudos europeus - principalmente italianos, franceses e alemães - nos quais as festas populares assumem status de objeto de estudos científicos e multidisciplinares. (ferreira, 2006,p.111).

O desenvolvimento do turismo, ou melhor, a sua manutenção, segundo algumas pesquisas, deve-se a continuidade dos desenvolvimentos de seus atrativos e, no desenrolar particular de cada localidade, pode-se identificar alguns agentes ou disposições que contribuem para o desenvolvimento turístico. Não somente o desenvolvimento econômico deve ser ponderado, mas também, é preciso levar em consideração a ação cultural e suas influências. De acordo com Pires (2004)

Tão relevante quanto o aspecto econômico da atividade turística, é a dimensão social e cultural que o abriga. O Turismo é um fenômeno de aproximação ou do afastamento das pessoas. Através do contato que promove entre as diferentes culturas, uma vez que coloca ao mesmo tempo em um espaço temporariamente compartilhado a pluralidade cultural da humanidade. (Pires, 2004,p.15).

Assim pode-se também ter uma assimilação, na qual a continuidade do fazer cultural de Maria Cezarina Cardozo colaborou com a continuidade da manutenção do carnaval, como também de seus agentes e, por conseguinte, dos foliões locais e visitantes.

Essa postura, mesmo que entendida ser inconsciente, passou despercebida pelas décadas no que tange ao real motor da vida do carnaval de rua de Jaguarão.

3.2 Memória, Festa, imaterialidade e sua importância para manifestações socioculturais.

Para o desenvolvimento desse trabalho, inicialmente levou-se em consideração a relevância da pesquisa enquanto patrimônio imaterial, por se tratar de partes da vivência de um grupo e as ligações desses com a sociedade ao longo de um tempo. Assim, buscou-se, nas entrevistas, reunir pessoas para conversar e, dessa maneira, obter o registro dessa história para a coleta de dados pertinentes à ciência acadêmica, lugar no qual esses dados podem ser consideradas relevantes para o estudo.

Durante a pesquisa, as entrevistas trouxeram uma forte linha de representatividade emocional, familiar, na qual os indivíduos da escola Estrela D'alva se reconhecem, e por consequência, reproduzem nos seus fazeres. Essa importância está relacionada à memória deixada por Maria Cezarina Cardozo na sua construção cotidiana, como aponta Elhaji (2002). Na verdade, ao moldar a estrutura psíquica de seus membros, a família acaba se reproduzindo e reproduzindo a estrutura simbólica contida na cultura e na memória coletiva (basicamente espacial como vimos) de seu grupo. Por meio de seus mecanismos de socialização, a família transmite o conjunto de hábitos produzidos por seu grupo de origem, sob a forma de normas de conduta e de princípios ético-estéticos que operam a ligação, via identificação, dos indivíduos ao seu grupo social de pertencimento.

Aqui, encontra-se, então, justificativa para o sentimento de família Estrela D'alva, a família vermelho e branco, porque eles assim se reconhecem, se identificam e mais do que isso, atribuem à família que a Mocinha os ensinou a ser e pertencer.

Segundo Sapia (2016), as festas são movimentos coletivos com capacidade de abrir frestas pelas quais se constroem outras narrativas que promovem memórias sobre a cidade e sobre os laços que os cidadãos estabelecem com seus territórios ou com seus bairros. Logo, também se vê a representatividade da Mocinha, quando buscou agregar a seu cotidiano, junto ao carnaval, a interrelação das classes sociais no festejo valorando a cidade, e também o que viria a se tornar uma parte da memória coletiva das classes. Essa mesma construção, ainda

que subjetiva e despropositiva de memória, hoje em dia, se reflete na construção turística da localidade, quando o carnaval contemporâneo se vale, mesmo sem perceber, da trajetória de luta de Maria Cezarina Cardozo, a Mocinha.

Tomamos, por exemplo, a colocação de Dias (2016):

Neste trabalho, aponto para três desdobramentos da relação entre o carnaval e a Cidade do Mindelo. Primeiro, num plano histórico, demonstro como o carnaval deve ser compreendido na sua vinculação à singularidade da formação social na Ilha de São Vicente. Em segundo lugar, trato brevemente das formas como o carnaval tem desafiado os limites internos à cidade, que, no tempo comum, está marcada pela coincidência de fronteiras entre bairros e estratos sociais. Por fim, abordo a questão da escala, apresentando o dilema vivido pelos mindelenses, entre a pequenez da Ilha e o crescimento da sua festa maior, o carnaval. (p. 98).

A busca pelo conteúdo histórico dessas convivências e fatos me deixou frente a uma perspectiva nova, de caráter antropológico, denominada sambotrapmologia, na qual fazer como pesquisador me deixava inseguro e temeroso ao pensar no que seria o meu trabalho, e mais, se seria um trabalho. (NATAL, 2016).

Porém, como lidar com essa problemática se os moldes acadêmicos ainda bebem na fonte de um ocidentalismo elitista que teima em privilegiar as narrativas européias ou, quando não, as que a esse modelo são moldadas e aceitas como verdadeiras, em detrimento de tantas outras que são silenciadas? Assim, me senti desafiado a manter as entrevistas e os registros, salvar um pouco dessa trajetória desse patrimônio cultural imaterial era o objetivo, mas como fazê-lo?

Entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos, e lugares culturais que lhe são associados [...] Entende-se por salvaguarda as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não formal – e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos. (UNESCO 2003 p. 01).

Então, pude assim reconhecer um possível meio de continuar com as pesquisas me amparando em Arantes (2004), delineando, inicialmente, o contexto mais geral em que o problema ganha a sua significação contemporânea, faz-se referência ao que venho designando “paisagem de história”, refiro-me à população e aos territórios cuja paisagem natural ou patrimônio cultural são identificados tanto pelas populações envolvidas quanto por especialistas (historiadores, geógrafos, musicólogos, arquitetos, antropólogos e outros) como distintivo, e por essa razão, objetos de salvaguarda e recursos úteis ao desenvolvimento de

produtos de mercado. Esses grupos humanos e territórios encontram-se, de modo geral, envolvidos por sistemas de circulação de pessoas, signos, bens, e capital associados a um mercado ampliado (não apenas local ou regional) e, não raramente, à economia e à cultura globalizada.

Fernandes (2016) apresenta que há outros movimentos culturais carnavalescos, chamados de “tradicionais” tanto pela imprensa quanto pelos próprios agentes, como o *Cordão da Bola Preta*, o *Suvaco do Cristo* e o *Simpatia é Quase Amor*, para citar alguns, e que fazem do discurso da “autenticidade” sua bandeira. E há, ainda, outros que trabalham no campo da “resistência”, e que se autodeclaram os representantes da cultura popular, como o *Boi Tolo* e outros da *Desliga*. Tomando o termo tradicional para um breve exercício, por exemplo, termo tão complexo em si mesmo, como narra Abreu (2003) em seu texto: que critérios definiriam o que é ‘tradicional’ no Carnaval de rua, se, desde fins do século (XIX), já se passou por tantas modificações e formas de organização?

Sobre a disputa de representação e de legitimidade, usando o termo cultura popular, por exemplo, um dos representantes do bloco *Boi Tolo* e da *Desliga dos Blocos do RioV*, Diogo Eduardo, define o que pensa sobre o assunto em entrevista a um blog:

O carnaval é uma manifestação de cultura popular e cultura popular não é feita nem por vanguarda nem por meia dúzia de intelectuais. É feita pela massa que vai para a rua e toma um espaço que é dela. A praça é do povo, então ela tem que ser tomada. O problema é como o mercado e o Estado percebem isso. Esse é o grande x da questão.

De acordo com depoimentos para Maria Cezarina Carodozo, o carnaval era do povo para o povo e ela não desistia nunca de levá-lo à rua. Resistiu, então, e para aqueles que com ela conviveram, ela se tornou o ponto de referência em resistência frente ao carnaval da cidade de Jaguarão, contrariando as agruras sociais e os estigmatismos populares, ela se tornou sua agente, mesmo que não tenha ganho essa importância ou reconhecimento em vida.

De acordo com (Damatta, 1997, p32) até mesmo no carnaval, que é um “rito sem dono” (um festival com múltiplos planos), encontraremos quem está mais perto dos seus centros: da música, do canto, da dança, do foco dos desfiles, e dos gestos que fazem sua harmonização e realidade. Sabemos que em geral ali se encontra os marginais do universo socialmente reconhecido ou, quando são os “ricos” que ocupam tais lugares, eles estão disfarçados e divididos, viram deuses ou reis, são membros de um clube ou associação.

3.3 Elitismo e resistência como desdobramentos culturais de práticas sociais

Com a postura de Maria Cesarina Cardozo, o carnaval pode ter um desenvolvimento de união social, mesmo enfrentando as implicações da época e as desigualdades sociais existentes, porém era um tempo de desbravamento. Segundo Rodrigues (2010)

A partir da década de 70, as moças passaram a realizar concursos de rainha do carnaval e apresentações de teatro onde transmitiam o ideal e a condição social, moral e estética. Também faziam excursões por cidades vizinhas em bailes e festas, e intercâmbio com os clubes de araxá e com o Elite Clube de Uberaba, onde traziam moças para desfilarem suas fantasias ou serem passistas com seus pares masculinos. (p.7)

Esta ação, então, observada em continuidade nas atividades relacionadas com o carnaval, proporcionaram à escola Estrela D'alva um salto em desenvolvimento e o rompimento de uma barreira social de desigualdade, o que veio a criar uma crença de senso comum de elitismo, e esse estigma figura até os dias de hoje, frente à população. Mas o que se entende para essa crença e a falta de registro, falta de demonstrar a população a história do ponto de vista de dentro do desenvolvimento da cultura, como exemplifica Damata (1997)

Do mesmo modo, mas inversamente, a sociologia comparada tem encontrado em seu caminho sociedades sem seu registro histórico de seus principais eventos. Ou melhor, as sociedades que o antropólogo tradicionalmente estuda as tem registrado, mas não na forma de uma "história", uma sucessão temporal evolutiva em que um evento antecede e faz o outro acontecer- e sim na forma que percebemos como sendo mitos e lendas, sagas e geneologias: formas que para nós, estão removidas do mundo real [...] (p. 26).

Nesse contexto a escola e seus integrantes foram vistos sobre a ótica de elitistas, burgueses. O que contraria a lógica do entendimento mais ínfimo estudado sobre o carnaval, na qual o mesmo sempre está associado ao popular. Esse entendimento, então cultuado pelo viés de rivalidade carnavalesca, passou a ser vivido pela entidade e seus integrantes.

4. APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS DE PESQUISA

Apresentando a personagem do trabalho, a mocinha, os entrevistados e referências no texto para melhor entendimento.

Maria Cesarina Cardozo, a Mocinha, integrante da Escola Estrela D'alva, ingressou inicialmente como costureira, na década de 1960 foi convidada a ser porta estandarte no ano de 1964 data oficial da fundação, e logo depois porta bandeira, porém seus fazeres junto a Escola e o carnaval de rua a fizeram personagem singular do festejo e da continuidade do carnaval de rua de Jaguarão.

Divane Dutra de Quadro, afilhada e filha adotiva de mocinha, integrante da escola desde nascimento, hoje com 47 anos.

Luiz Carlos Mendes Fernandes Marques, o frigideira, um dos fundadores da escola. entrou na escola em 1964, aos 16 anos, mas já fazia parte da turma com 15 anos, hoje com 69 anos.

Luciara Farias Santos, a zá, também conhecida como Mãe preta, integrante da escola desde criança, hoje com 45 anos.

Lorena Tellis, moradora da cidade de Jaguarão. Hoje com 38 anos.

Claudio dias de Oliveira, carnavalesco da entidade, amigo íntimo da mocinha, parceiro de barracão, atua no carnaval de rua desde seus 15 anos quando desenhou o primeiro croqui para um bloco de rua, que foi campeão no ano do desenho, está junto a entidade Estrela d'alva a 35 anos, hoje com 55 anos.

Neir Madruga Crespo, o seu Madruga, casado com Sonia Oliveira Crespo, sobrinha de mocinha, a família Madruga é responsável pela feijoada do seu Madruga, uma noite em cada carnaval eles oferecem uma feijoada ao barracão marcando uma noite de contos e lembranças

5. ESTRELA D'ALVA

Fundada em 18 de março de 1964, originalmente nas cores verde e branco, hoje vermelho e branco, nascia de um grupo de amigos, inicialmente, com o nome de Academia do Samba Estrela D'alva, e depois da entrada da Mocinha, tornou-se Sociedade Recreativa Beneficente Estrela D'alva, segundo alguns relatos. A escola é fruto da união de algumas pessoas, com o intuito de se divertir entre amigos e familiares, no carnaval. Essa formação, então, lança na avenida, pela primeira vez, a escola, oficialmente, em 1965. A troca das cores se deu por um fato inusitado, relatado por Luciara Farias, a Za, também conhecida como Mãe Preta:

Todo mundo sabe que, eles foram bater uma foto, e as fotos eram preto e branco naquela época, aí deu algo errado na revelação, e o verde, que seria preto na foto, ficou levemente amarronzado puxado para o vermelho, eles acharam que tinha ficado bom, e no outro ano já estava, vermelho e branco. (Luciara Farias, Zã, Mãe Preta em entrevista concedida em 20/11/2016).

Em 1964, um ano antes de sua fundação, esse grupo de amigos e suas famílias, saíram todos juntos, vestidos em fantasias de saco de farinha caracterizando apaches, com a escrita “saímos sem querer”, o que já deixa também evidente o desejo de fazer a folia, assim sendo, agentes do espetáculo cultural da cidade. Como se identifica no relato do senhor Luiz Carlos Mendes Fernandes Marques, também conhecido como Frigideira, um dos fundadores da escola:

Nós tava lá mesmo, sempre estivemos todos juntos, nos fazia tudo junto, era futebol, galinhada, bailes nas garagens, sim porque a cidade também não tinha muitas coisas, então nós fazia até os bailes, aí saímos todos vestidos de apaches, um horror hahahahaha mas saímos, e escrevemos na roupa, saímos sem querer [...] foi por pirraça mesmo sabe, alguém tinha que fazer a festa [...] (Luiz Carlos Mendes Fernandes Marques, Frigideira, em entrevista concedida em 15/11/2016).

As narrativas captadas nesse trabalho trazem, a cada memória dividida, a expressão das dificuldades do início da escola, mas nada se compara as que são narradas depois da entrada da Mocinha e a sua garra em vencê-las. Essas dificuldades vêm até a atualidade, a maior dificuldade, todo ano, é ter onde confeccionar e produzir a escola, no caso, o barracão. Durante esses anos, a escola teve vários pontos como sede, sendo, muitas vezes, a própria casa de Maria Cezarina Cardozo. Teria sido esse fator, subjetivamente negativo, um agregador de identidade familiar, no qual todos interagem e se relacionavam. Aqui, as

histórias são muitas, dentre as quais algumas exemplificando fragmentos dos extremos vividos pela nação vermelho e branco:

O povo acha que a escola é rica, hunf. Vão perguntar se nós tivemos barracão? Sim, tivemos eu tive. E um que nunca me esqueço é um, feito só com uma lona preta por cima de um pé de chuchu. (Claudio carnavalesco20/11/2016)

Nesse universo de barracão, existe uma noite que é aguardada por todos, ela é falada já nas noites de ensaio, nas ruas, quando os integrantes vão se encontrando, é a noite da feijoada do seu Madruga⁴. Nessa ocasião ocorre o maior encontro possível da família Estrela, a diversão, alegria e sorrisos tomam conta do lugar, e, nesse momento, as lembranças vazam pelas bocas, olhos e corações de todos. Toda a trajetória é reconstruída ano a pós ano, sem sofrer alterações, e passada a geração futura e aos novos integrantes que estejam adentrando a escola, mesmo que pela primeira vez, com interesse em sair no desfile, nas alas, bateria ou mesmo como destaque. E alguns querem apenas estar com conhecidos para auxiliar na ajuda de manter a escola organizada para o desfile, conforme mostra a figura 2.

Figura 2: Mocinha em desfile, na década de 60, com adereço alusivo ao símbolo da escola, Estrela D'alva



Fonte: acervo pessoal do autor

⁴ Feijoada do seu Madruga é um momento no qual se reúne a maioria do pessoal. O dia da feijoada é sempre surpresa, mas sempre acontece, e a notícia surpresa sempre vasa, o que proporciona o encontro de muitos. Essa também é a noite na qual mais são lembrados os feitos do passado.

Não importa, o visitante ou possível novo integrante vai receber em sua chegada essa chuva de informações, será mergulhado na história da escola, na história da Mocinha e de alguns dos integrantes já existentes. Assim também, colaboram para a desmistificação de que a escola é somente para os considerados da alta sociedade jaguarense, visto que, a realidade na qual estão inseridos é outra, porém, até o momento de vivenciar essa relação, essa informação é desconhecida para a maioria. Nesse contexto, as narrativas de como eram tratados na posição de pobres, de marginais chegam a um delicado, que o carnaval era para a *ralé*, para as putas dos cabarés, para as mulheres de vida noturna, para os ladrões, e fazer carnaval, para eles, era um imenso desafio. Muito bem exemplificada por Sapia (2016), “ É consenso que nas décadas de 1970 e 1980 o Carnaval de rua era uma opção pouco valorizada.”.

baaaa era bom, mas era horrível em alguns momentos, não se tinha muitas regras, valia de um tudo tanto que as escolas se cruzavam umas pelas outras, não sei te precisar alguns detalhes, mas não era considerado por quase todo mundo coisa de vagabundo burracho e china [...] (Frigideira em entrevista concedida em 20/11/2016)

5.1 Suposto elitismo

Mais ou menos na época de 1980, já havia a manifestação de Mocinha em marcar encontros sempre que possível nas casas das grandes famílias da sociedade. Ela e os integrantes da escola, então, se dirigiam até lá, esse encontro acontecia com as famílias recebendo a escola com preparo de almoço, e, por outras vezes, eram encontros com grande café, no qual a escola proporcionava uma diversão tocando samba, roda de conversa e socialização. Ao termino do encontro e da diversão, a Mocinha apresentava o livro de Ouro ⁵. Desta forma, a família, ou melhor, o senhor da casa, naquela época, contribuía com uma quantia de dinheiro para a escola.

Assim, a Mocinha conseguia doações de diversas famílias da alta sociedade, e também, com outras ações, ajuda do comércio para poder levar à avenida a escola, assim como, suprir as necessidades básicas dessa produção com as pessoas envolvidas. Aqui, uma parte do relato de Divane Dutra de Quadro, filha adotiva de Mocinha, 47 anos.

⁵ Livro com a história da escola, a exemplo de um livro caixa, serve para registros de doações, e é usado para pedir as mesmas.

Nós passava fome juntos, e não era pouco, durante esse período a mãe chorava muito por temer que a escola não conseguisse sair, ela tirava do dinheiro dela também, o salário e colocava na escola, e depois que passava o carnaval, as dificuldades continuavam por semanas . (Divane 20/11/2016)

Nesse contexto, aconteceu que os jovens, mais os menos em 1984, pediram aos pais para participar dos desfiles da escola, procuraram a Mocinha e relataram sua vontade, ela, então, foi as casas das famílias conversar com os pais. Assim, grupos de amigos da alta sociedade jaguareense se organizaram para sair no desfile. Como relata Elhajji (2002) “de fato, não há sistema (político ou cultural) capaz de subjugar pela força total e definitivamente o desejo e a vontade de um grupo de expressar a sua identidade” (p.186).

Assim, esses grupos formavam alas e arcavam com as despesas de suas próprias fantasias e adereços, levando a baixar os gastos na produção, e não deixando de colaborar com a escola. Então, outros grupos de amigos também se associaram a ideia, a Estrela, a partir disso, sofre uma progressão em apresentar alas bem mais compostas e elaboradas.

Figura 3: Mocinha, e outros integrantes da escola antes do desfile, década de 1960



Fonte: acervo pessoal do autor

Essa ação contribui, então, para a criação do estigma de escola das elites, e, assim, se viu, nos anos posteriores, em evidência, e adquiriu a imagem que tem hoje. Isso, somando aos

inúmeros títulos, carrega o estigma de ser a campeã, “a campeã de sempre”, como é popularmente mencionada por quem não conhece a história da escola em sua totalidade.

Mas o fator que revigora e mantém essa devoção, é o que é a escola, depois do ingresso da Mocinha. Com essa materialização de personalidade, ela manteve a escola com suas características pessoais, essa foi a progressão alcançada por ela ao longo dos anos, de perseverança em produzir, junto com seus amigos e colaboradores, não apenas o espetáculo a palco aberto que o carnaval proporciona, mas também, a continuidade do seu maior sonho, o de não deixar a escola morrer.

Maria Cezarina Cardozo, para a Estrela D’alva, é a mãe de todos, alma da escola e energia de vida para aqueles que pretendem continuar o seu legado. O trabalho faz com que os reflexos acerca da mocinha, deixem bem claro o quanto perseverar e resistir foi e é fundamental para tudo que se acredita que deva ser feito. Ela é mais que uma lição de vida, ou um exemplo, para eles, essas palavras não exprimem, não representam a Mocinha, pois, são incompletas, Mocinha é sempre mais, Mocinha é sempre além, a Mocinha personifica os ideais que a escola precisava quando a escola nem ao menos sabia que necessitava desse ideal.

6. MARIA CEZARINA CARDOZO

No dia 12 de janeiro de 1937, nascia, na cidade de Jaguarão, Maria Cezarina Cardozo, primeira filha de Genesis Nobre Machado, e irmã de outros dezesseis. Casada com Nelson Marscisco, vulgo cachorrão, carinhosamente apelidada de Mocinha, não teve filhos sanguíneos, mas é mãe adotiva de uma filha, Divane Dutra de Quadro, da qual Mocinha era madrinha, e a criou a partir dos três meses de vida. Por isso, a importância de uma narrativa que contemple a história desse ícone, normalmente silenciado no âmbito da academia, por sua história estar pautada em um contexto de oralidade. Amparado em Rufino (2014, p.16), defendo a noção de que as práticas culturais da afro-diáspora estão assentadas e são orientadas por outras formas de racionalidade que se diferenciam do modelo de pensamento moderno ocidental. Nesse sentido, suas lógicas de funcionamento revelam múltiplos conhecimentos, outras epistemologias que apontam caminhos possíveis diante da pobreza de experiência produzida pela linearidade de uma única narrativa explicativa de mundo e de um único modelo de conhecimento.

Figura 4: Mocinha e alguns dos troféus da escola decada de 1990.



Fonte: acervo pessoal do autor

O trabalho não tem por intuito adentrar nas esferas pessoais da senhora Maria Cezarina Cardozo, mesmo que muitos dos relatos tragam forte arcabouço para representar a personalidade de Mocinha. O estudo trata da posição dela quanto ao carnaval para a população, como ela viveu esse carnaval e como se tornou, para seus conhecidos, um ícone de resistência.

Dentro da entidade, iniciou como costureira, trabalho que fez sempre ao longo da vida dentro da entidade, até que um dia foi convidada para ser, então, porta bandeira e, por um bom tempo, foi a porta bandeira oficial, tinha o gosto de carregar o pavilhão⁶ e fazia questão de ensinar a todos o respeito que se deve ter..

O apelido de Mocinha traz um emaranhado de histórias e risadas, relatam, então, que ela não poderia ter filhos, por problemas de saúde, outros dizem que por ter seios relevantemente firmes, davam o aspecto de moça jovem sempre, fato é que essas são as duas versões mais contadas, envoltas em muitas risadas. A verdade acerca do apelido se torna desnecessária, visto que, no imaginário deles, ela era uma jovem negra e foi eternizada Mocinha na história pessoal e coletiva deles.

A vida de Mocinha foi dedicada, quase em sua totalidade, ao carnaval, paixão que ela dividia com os afazeres cotidianos. Ela não nutria um amor somente pela escola, ela tinha zelo, também, pelos seus integrantes.

A mãe se preocupava com eles, ela ia nas casas ver como estavam, como passavam, era tempos difíceis entende, eu lembro que muitos componentes começavam jovens quase crianças, e depois de um tempo, traziam seus filhos para a mãe conhecer, e chamavam ela de vó “ (Divane em entrevista concedida em11/11/2016)

Mocinha era escola e carnaval, 24 horas por dia, e o carnaval de Jaguarão deve muito à persistência dessa mulher. Ela foi pioneira em muitas coisas dentro do carnaval e, mais precisamente, dentro da escola de samba, por ter ideias muito além do seu tempo, como por exemplo, o entendimento da posição da mulher como ponto de concentração de comando e a preocupação de que a mulher fosse respeitada dentro da escola. Estrela D'alva foi a primeira escola da cidade a compor ala de homossexuais.

⁶ É o símbolo maior da escola, é a popular bandeira, Quem a segura é a porta bandeira, o homem não deve segurá-la uma das muitas regras e ritos envoltos sobre o pavilhão.

Figura 5: Mocinha, em desfile das campeãs, exibindo troféu para a comunidade meados de 1990



Fonte: acervo pessoal do autor

Quando mocinha morreu, no dia 29 de março de 2013, após o carnaval, houve uma grande mobilização da população e das autoridades, era consenso que como figura pública deveria ser velada em um lugar público, e assim foi, no Ginásio de Esportes Integração,. entidades do município foram prestar suas condolências, pessoas de todas as classes e ambos os grupos carnavalescos foram se despedir daquela que foi e se mantém como a alma do carnaval de rua da cidade de Jaguarão. Nas palavras de Claudio Dias de Oliveira: “Parecia um velório de chefe de estado, foi incrível, só não teve tiro de honra sabe, mas essa mulher foi um tiro em vida... que saudade dela”. (carnavalesco, Claudio dias de Oliveira em entrevista concedida em 20/11/2016).

7. RESISTÊNCIA

Assim começo: “a escola vai sair sim, nem que seja eu só com o pavilhão na mão”, esse fragmento foi relatado por mais de um depoente em momentos diferentes, tornando um ponto entre eles de referencia a um momento da vida dela, aqui destaco o carnavalesco claudio, sua filha divane e o frigideira. Consta que foi essa a resposta dada pela Mocinha, em tom suave porém desafiador, quando a possibilidade de não desfilar foi levada a ela. Por conta dos tempos difíceis que a população passava, nessa frase, pode-se ver a postura inegável em não desistir do seu desejo. E, esse desejo, essa força foi a maior força de expressão deixada pela Mocinha para aqueles que a cercavam e, também, para a população carnavalesca de Jaguarão. É, sem sombra de dúvida, a resistência.

Figura 6: Mocinha, na comissão de frente década de 1980. Entre as formas de contribuir com o carnaval, nesse ano mocinha saiu na comissão de frente deixando o posto de porta bandeira a outra integrante, ela era tudo o que a escola precisa-se para o melhor do espetáculo.



Fonte: acervo pessoal do autor

Resistência em não se deixar vencer, não desistir do seu sonho, junto ao carnaval, e sua escola. Não se distingue entre os entrevistados se a Mocinha fez de sua vida o carnaval ou se o carnaval fez a vida da mocinha, ambos estão tão intrinsecamente relacionados que pronunciar um sem outro é impossível. Em qualquer frase em que tiver a palavra “carnaval”

vai ter, também, a palavra “Mocinha”, e vice-versa. Na hora em que for se falar em Maria Cezarina Cardozo, ou Mocinha, associada aos seus feitos pelo carnaval, não há rivalidade que perdure, não há separações, ela é o ícone de luta pelas escolas que existem, e também, pelas que deixaram de existir. A lenda de seu nome é a referência em ser carnaval na avenida 27 de Janeiro e alegrar o povo.

Figura 7: Mocinha como porta bandeira junto com mestre sala



Fonte: acervo pessoal do autor

Na década de 1980, período de crise financeira, as escola optaram por não desfilar, já que não tinham como produzir nada para apresentar, por alguns anos, então, a Estrela D'alva desfilou sozinha, sem adversários, esse título que ganhou não são contados como vitórias pelos seus integrantes, mas sim como o maior orgulho entre eles. Esses títulos são mais uma prova da resistência de Mocinha, como relata o carnavalesco Claudio Dias de Oliveira, em uma fala emocionada, ao lembrar da amiga de muitos anos:

Se o carnaval chegou onde chegou, deve a Estrela sim, e deve a Mocinha, por que se tivesse abandonado a avenida como as outras escolas e blocos, teriam acabado de vez com o espetáculo, me diz, o que o povo ia ver? Ela não só puxava a escola, ela puxava o povo para ir ver, podia ser ela e a bandeira com meia dúzia de ritmistas e o passista, mas ela iria. (Claudio carnavalesco 20/11/2016).

Figura 8: Mocinha, na década de 1960 , em desfile vestida de porta bandeira junto com seu mestre sala, nota-se a bandeira nas cores originais, verde e branco.



Fonte: acervo pessoal do autor

Havia, então, a disposição social de que gente “direita” não saía em escola de samba, saía apenas marginais, mulheres da vida, suburbanos, e esse foi mais um paradigma quebrado por Mocinha. Quando a alta sociedade adentrou a Estrela D’alva, tivemos um rompimento de tabu, a quebra de uma barreira muito forte para os padrões da época. Havia a busca de uma parcela da população em se apropriar de um espaço, e é assim que exemplifica Cavalcanti e Gonçalves (2009)

Festa pública e urbana por excelência, o carnaval conclama os cidadãos a reivindicarem territórios para a folia – rua, avenida, passarela, pista, quadra, terreiro, praça, salão, palco, terraço, onde quer que se possa acender sua faísca. (p.10)

Um dos traços da personalidade dessa mulher se amparava na sua concepção de família, e na força que ela dava e mantinha em ser uma família em uma só mulher. Todas essas pessoas de seu cotidiano davam a ela a posição de mãe e vó de seus descendentes. A partir disso, pensemos: o que é a família nesse contexto? Segundo Elhajji (2002), dentre todas as instituições humanas, é a família que detém o principal papel na transmissão dos códigos socioculturais. Visto isso, fica claro o porquê de tanto aprendizado pessoal ser absorvido pela família vermelho e branco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho, com as análises de relatos, teve como objetivo registrar a imagem de luta e resistência da porta Bandeira, Maria Cezarina Cardozo, a Mocinha, a trajetória da escola Estrela D'alva, fundada em 18 de março de 1964, e algumas das transformações acompanhadas por elas ao longo de meio século de atividade junto com a Mocinha. São elas: a escola, os integrantes e as testemunhas desses episódios na evolução do carnaval de rua da cidade. Esse resgate contou com inúmeros relatos da história dessa mulher, exemplo de garra, de trabalho e simpatia, os quais acompanhei, muitas vezes, com lágrimas, ao dividir a emoção que extravasava dos agentes envolvidos, essas pessoas que conviveram com ela como sua escola.

Figura 9: Mocinha com Rei Momo decada de 1990.



Fonte: acervo pessoal do autor

Esses mesmos depoimentos trazem a imaginação vários carnavais vividos por todos e o entendimento de como se deu cada adaptação necessária para poder seguir fazendo a folia para o povo. Aqui, passaram, por exemplo, figurinistas, carnavalescos, familiares, integrantes, fundadores, ritmistas e amigos destes dois universos, da Mocinha e da Sociedade Recreativa Beneficente Estrela D’alva. É possível perceber que existe, junto a seus integrantes, um laço de união. Esse laço é a paixão pelo carnaval, a comunidade tem, hoje, o sentimento de não poder deixar a escola se extinguir, e mais do que isso, manter o sentido de família e união deixado pela Mocinha. O que diferencia a família Estrela D’alva é exatamente a capacidade de manterem unidos mesmo passando muito tempo longe, e essa união só é possível pelo mesmo amor e pela mesma paixão ao carnaval cultivada por todos.

Poder absorver a história da Mocinha, dos carnavalescos e, principalmente, dos integrantes desse processo, incluindo de sua filha, Divane Dutra de Quadro, me fez perceber o quanto eu, como indivíduo que ama o carnaval, tenho mais que um bom motivo para amá-lo, Eu reconheço a ação que eu não vivi no passado com eles, e me reconheço igual a essas pessoas, pois também ajudo a manter vivo o carnaval, tão qual podemos contribuir para a cultura carnavalesca local. Eles são os verdadeiros agentes transformadores desse fazer cultural popular, ao mesmo tempo que são testemunhas do quanto esse sacrifício de amor não segue uma cadência evolutiva para sempre ser uma nota dez. Mas fica evidente, nas falas, o quanto para eles é importante, e é relevante, na análise dos registros. Essa importância também é observada por da Silva (2016)

[...] percebi que o carnaval está além de um desfile em uma data marcada e sim no dia a dia de quem tem no sangue a paixão pelo samba, tambores e tamborins, fazendo com que cada batida no surdo, seja acompanhada pelo coração, sempre em sintonia e sem jamais perder a cadência. Com isso, percebe-se a importância [...] (p.43).

Assim, também me via mergulhado em dúvidas, como Natal (2016), um dos meus maiores questionamentos era como pesquisar um tema tão próximo ao meu cotidiano e vivência sem pôr em xeque uma pretensa objetividade científica exigida pelos padrões acadêmicos. Mas foi imerso nessas dúvidas que me lancei às entrevistas, e me encontrei mais uma vez nesse ambiente familiar a mim, agora sobre uma ótica de sambantropologia⁷.

O samba da Estrela D’alva, o fervor, o brilho, nada disso paga ou traz satisfação maior que ver, no olhar de cada um, a certeza, ali no terceiro soar da sirene, de que é a hora de entrar na avenida. O espetáculo é nosso, o tremelique do tarol, o chaqualhar dos

⁷ Similar a um antropólogo, pesquisador de samba e do universo carnavalesco.

chocalhos, o bumbo, sim ela vem vindo, a rainha da bateria, o seu sorriso; o olhar brilhante do carnavalesco acompanhando cada um, cada movimento; o moço que vai empurrar os carros; sim está brilhando, e lá vai a Estrela cruzando a avenida, poucos a aplaudem, é a “escola dos rico” dizem. e então, não tem o gosto popular, é rejeitada, poucos são os que gritam porque sabem dessa luta, e ela passa dando ao povo o que sua fundadora ensinou a dar: alegria e folia, ensinamentos que estravazam os integrantes como na entrevista registrada na figura numero 10.

Figura 10: Mocinha sendo entrevistada pós-desfile à radio local, década de 1990.



Fonte: acervo pessoal do autor

O desfile não pode deixar de acontecer, jamais, e um dos pontos que são evidentes nesse trabalho, é a motivação de não deixar de desfilar. É a resistência sobre o desânimo e o abandono de um sonho, o desfile é o mais importante, levar alegria ao povo é levado a sério ao máximo. Cada quesito que classifica a escola e seus integrantes é, minuciosamente, conferido, várias vezes, pelo carnavalesco. Uma coisa que se pode perceber é o fato de que, por mais que se divida e se delegue funções dentro do barracão, ou na construção dos carros alegóricos e fantasias, das costureiras até quem vai pôr um prego em um dos carros, tudo ali passa pelo crivo analítico e aprovação do carnavalesco, a Mocinha gostava assim.

Mas a bateria não, essa é a diferenciação da Estrela, e dos integrantes, e essa diferenciação não afeta em nada a harmonia evolutiva da escola. Na prática, o que diz respeito ao toque da bateria, essa parte é com o mestre da bateria, na Estrela D'alva a bateria é como

um coração e no coração só tem um senhor: o mestre. Quanto ao resto da escola, é do carnavalesco encarregado da essência, da alma, da Mocinha.

A Mocinha, em vida teve o bom trato social e transitava entre as diferentes esferas sociais, por sua simplicidade e simpatia, e suas ligações e amizades, que fez ao longo dos anos. Nesse trato, essa relação pode expressar suas inclinações de perspectivas a frente do seu tempo. Essas ligações foram reproduzidas na escola, tendo assim, entre seus destaques, pessoas da alta sociedade, misturadas a pessoas do subúrbio jaguarense, prova de uma linha de igualdade e respeito associado à resistência, que ali, naquele ambiente, se tornavam parte de um todo. Se haviam distinções, eram momentaneamente relevadas, ou até esquecidas. Essa era uma forma de resistir, era a maneira de fazer a sua luta, numa sociedade e época marcadas pela desigualdade, mas os desafios encarados, vieram a proporcionar um momento de interação e igualdade no compartilhamento da alegria da folia ao longo dos anos.

O trabalho poderia também ter alcançado outros pontos mais específicos do carnaval, como, por exemplo, os sambas enredo, a rivalidade entre as escolas, as transformações do carnaval de rua, mas o objetivo aqui é a linha de expressão de resistência promovida pela Mocinha, junto à entidade que ajudou a perpetuar. Demonstrar como a memória dos envolvidos e a parte imaterial colabora para a formatação e reconstrução do que foi o carnaval, do que pode ser considerado perdido desse carnaval e do que se transformou desse mesmo carnaval, mas que não o desconfigurou completamente. Foi o que a senhora Maria Cezarina Cardozo criou em sua essência carnavalesca, a capacidade de prosseguir.

Figura 11: Mocinha como porta bandeira junto de mestre sala, na década de 1980



Fonte: acervo pessoal do autor

Assim, por mais diversas que sejam as mudanças já ocorridas e as que, por conseguinte, se instalarem, a família Estrela D'lava é a memória da Mocinha preservarão a constante de serem um só pela folia e pelo carnaval, independente das dificuldades que possam vir a enfrentar, e, sobretudo, acima da opinião popular a respeito deles. Essa sempre foi uma das disposições a serem enfrentadas pela família vermelho e branco. Ter a possibilidade de poder registrar essa trajetória e perceber, entender e compreender mais o carnaval, e muitas outras coisas que movem esse universo cheio de complicações; arriscar delinear um pouco de uma história como a da Mocinha é me encher de saudosismo, porque eu tenho 35 anos de idade e 22 de avenida.

Saudosismo de um carnaval de rua que já mudou muito e continua bom, saudosismo de uma certa simplicidade, na qual um short feito de uma calça velha e uma camiseta tingida trazem o mesmo prazer de hoje, em costurar semanas pedrarias e plumas em uma fantasia para cruzar uma única noite a avenida e alegrar o público junto comigo. Viva! tudo o que mudou, e que essa mudança se mantenha positiva no carnaval jaguarense, me dizem os entrevistados, e há, nesse encontro, uma atmosfera de casa de vó, casa de dinda, colo de mãe, a cosquinha do dindo, o trocado no bolço do vô que dá escondido, e a traquinagem com o papai, por que é isso que é a Estrela D'alva, viva, com a alma da Mocinha, hoje, e se depender deles sempre. É a família vermelho e braço, é Estrela, é Mocinha.

Quando me despedia dos entrevistados, recebia um sorriso, mas também, um olhar de apreensão, era a dúvida interna deles em não saber se a produção desse trabalho seria positiva ou negativa, temendo a negativa. Entendi isso quando um dos entrevistados me deixou claro, como estou escrevendo aqui, porém ele mesmo e respondeu dizendo:

Não tem como ser negativo, sobrevivemos a uma sociedade discriminatória, ao repúdio da população, nos mantivemos na avenida mesmo quando todos achavam que deveríamos ter saído, tua pesquisa é sobre a resistência da Mocinha né, então eu te digo escreva, como puderes se puderes o quanto essa mulher foi realmente um pilar para manter vivo o carnaval dessa cidade, demostre o que ela foi e será sempre para aqueles que a conheceram de verdade, mantenha viva essa memória, por que a estrela d'alva vai resistir. (Claudio carnavalesco 20/11/2016)

Assim, pude perceber a real importância da Mocinha, Maria Cezarina Cardozo, para o carnaval e suas manifestações culturais em Jaguarão, município do rio grande do Sul, Brasil, fronteira com Uruguai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. Cultura Popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, M; SOIHET, R. (org.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 83.-102.

ARANTES, Antônio A. O patrimônio imaterial e a sustentabilidade de sua salvaguarda. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, v. 12, n. 13, p. 11-18, 2004.

BONI, Valdete; QUARESMA, Jurema. *Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Em Tese. Vol. 2 nº 1, janeiro-julho/2005, p. 68-80.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Prefácio. In: SANTOS, Nilton Silva dos. *A arte do efêmero: carnavalescos e mediação cultural na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009. p. 9-12.

_____, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, Renata de Sá. Apresentação. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, Renata de Sá (orgs.). *Carnaval em Múltiplos Planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. p. 9-14.

SILVA, Rafael Rosa da. *Nem confetes nem serpentinas: A resistencia do bloco Brasa Viva no carnaval de rua de Bagé/RS*. Jaguarão: UNIPAMPA, 2015. (trabalho de conclusão de curso de bacharelado em produção e política cultural).

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIAS, Juliana Braz. O Carnaval do Mindelo, Cabo Verde: reflexões sobre a festa e a cidade. *PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, n. 11, p. 95-108, 2016. Disponível em: www.pragmatizes.uff.br. Acessado em :28/11/2016

ECKERT, Cornelia; DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Etnografia: saberes e práticas. *ILUMINURAS*, v. 9, n. 21, 2008. Disponível em: www.iluminuras.com.br acessado em: 21/10/2016.

ELHAJI, Mohammed. *Memória coletiva e espacial étnica*. Galáxia, v. 2, n. 4, 2002.

FERREIRA, Felipe. Um carnaval à francesa: a construção da folia na cidade de Nice. In: CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata (Org.). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, FAPERJ, 2009.

MAIA, Mario de Sousa. O sopapo e o cabobu: a invenção de uma tradição percussiva no extremo sul do brasil ANPPOM – Décimo Quinto Congresso/2005.

MONTEIRO, Luis García. *Luna en el sur*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 1972.

FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares. In: _____. *As Festas Populares na Expansão do Turismo: A Experiência Italiana*. 2a Edição. São Paulo: Arte&Ciência, 2005.

NATAL, Vinícius Ferreira. Sambantropologia. *PragMATIZES* - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, n. 11, p. 150-166, 2016. Disponível em: www.pragmatizes.uff.br. Acessado em :28/11/2016

NÓBREGA, Zulmira. *A festa do maior são João do mundo: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande*. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. Salvador. Repositório institucional UFBA,2013.

PIRES, Ewerthon Veloso. Impactos Sócio-Culturais do Turismo sobre as Comunidades Receptoras: Uma Análise Conceitual. *Caderno Virtual de Turismo* Vol. 4, N° 3, p. 17, 2004. Disponível em: www.redalyc.org acessado em: 03/10/2016

RODRIGUES, Juliana Hoffman. Carnasacra - Símbolo de resistência negra e objeto de manifestação popular. *Revista Extraprensa*, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2010. Disponível em: www.revistas.usp.br/extraprensa acessado em: 05/11/2016

SAPIA, Jorge Edgardo. Carnaval de rua no Rio de Janeiro: afetos e participação política. *PragMATIZES* - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura, n. 11, p. 79-94, 2016. Disponível em: www.pragmatizes.uff.br. Acessado em :28/11/2016

SILVA, Renan de Lima da. *Em ondas com o turismo: o olhar na comunidade sobre o turismo do Farol de Santa Marta*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, 2015.